

EDITORIAL

Psicoterapia e Religião

Norberto Abreu e Silva Neto¹
Acadêmico Correspondente (r. nº 8)
Universidade de Brasília

É espantoso o crescimento nos últimos vinte anos do interesse pela Psicologia da Religião e, em particular, pela psicoterapia e aconselhamento religiosos entre profissionais da Psicologia. Tal interesse tem se traduzido em um volume crescente de publicações, na realização de eventos (seminários, simpósios, etc.), na demanda de alunos por orientação de trabalhos de mestrado e de doutorado tratando de temas de Psicologia da Religião, e na reivindicação de alunos de graduação pela inclusão no currículo de disciplinas que tratem da relação entre Psicologia e Religião. Talvez não seja tão espantoso esse interesse se pensarmos que a religião é parte inerente às formas de vida do ser humano, ou, noutras palavras, é parte inerente do mundo humano. A experiência religiosa é uma experiência universal e não está presa a conteúdos, ela é da ordem das necessidades básicas do ser humano.

O campo da Psicologia da Religião é tão antigo quanto o da Psicologia Científica, pois nasceu na mesma época do surgimento desta e sob sua influência. Trata-se de um domínio vasto no qual muitas orientações teóricas diferentes servem de base e oferecem seus métodos e instrumentos para as pesquisas: o paradigma psicometrista do experimentalismo, o modelo psicodinâmico da psiquiatria e da psicanálise, as vertentes da fenomenologia-existencial, o sociocognitismo, o holismo transpessoal, a psicologia feminista, a etnopsicologia, e a abordagem interdisciplinar ou compreensiva. A bibliografia é imensa e seu exame mostra uma grande divisão na qual todos os trabalhos podem ser classificados segundo duas rubricas maiores: "Psicologia (científica) da Religião" e "Psicologia Religiosa". A diferença entre ambas encontra-se na aceitação de uma transcendência na base da teoria orientadora das pesquisas, o caso da Psicologia religiosa, ou a não aceitação de um princípio transcendente no fundamento de sua teoria, como se dá com a Psicologia científica que busca fundar-se na materialidade das coisas.

O objeto de conhecimento científico da Psicologia da Religião é indicado no próprio título da disciplina, a religião em sua multiplicidade de manifes-

¹ Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica. Endereço para correspondência: SQN 210 - "E" - 511 - 70 862-050 Brasília-DF. Tel.: (61) 3402206. E-mail: norberto.abreu@uol.com.br

F
a
E
C
C
r
S
r
C
C
M
P
e
z
a
p
M

ir
F
re
C
si
m
a
ci
ci

ta
qu
m
si
re
lh
te
tr

tações: representações, crenças, práticas, rituais, mitos, etc. Todavia, não é claro qual o objeto da Psicologia religiosa. Ela tem um interesse prático, imediato, vinculado à profissão de fé do pesquisador ou do psicólogo e a determinação de seu objeto parece depender, em cada caso, da teoria psicológica adotada por este e que será posta a serviço de suas crenças religiosas.

A história da Psicologia da Religião pode ser dividida em quatro grandes períodos. Um período inicial, de 1890 a 1930, marcado pela psicomетria, pelas abordagens psicodinâmicas e psicanalíticas, e influenciada pela Antropologia. Em um segundo momento, dos anos 30 aos 60, sob a dominância do paradigma da mensuração, a grande maioria dos estudos busca conhecer as dimensões da religiosidade. Durante os anos 60-70 são realizados estudos sobre morte e misticismo e sobre a definição de religião. Em uma atmosfera de antipsiquiatria surgem novas subjetividades religiosas nas quais se unem mística, política e movimentos alternativos. No quadro mais recente, de 1980 até nossos dias, destacam-se primeiro a criação e inclusão da categoria "problemas religiosos ou espirituais" no DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais, quarta versão), e, a defesa da positividade da experiência mística para a saúde mental. Nesse quadro, o estudo das relações entre psicoterapia e religião reveste-se da maior importância e sobre esse tema gostaria de trazer algumas questões para debate, tomando como base uma revisão de dez anos (1984-1994) das pesquisas empíricas sobre religião e processos psicoterapêuticos e resultados, publicada por Worthington Jr., Kurusu, McCullough e Sandage, (1996).

Segundo esses autores, houve nos Estados Unidos, desde 1986, um imenso crescimento no interesse pela relação entre religião e psicoterapia. Formaram-se várias associações profissionais, que rapidamente multiplicaram seu número de membros, como, p. ex., a *American Association of Christian Counselors*, que fundada em 1986, congregando cerca de 2.000 membros, saltou entre 1993 e 1995 para 16.000 membros. Multiplicou-se também o número de congressos, seminários, etc., e, nas Convenções Anuais da APA, "a assistência aos *workshops* pré-convenção, que são sessões regulares concernentes à religião, tem sido elevada nos últimos anos" (Worthington Jr. e cols., 1996).

Por outro lado, programas de doutorado em Psicologia Clínica de orientação religiosa produziram um número substancial de terapeutas religiosos, que atendem a ambos, clientes religiosos e não religiosos. O crescimento mostrou-se também no plano institucional. Por iniciativa e pressão dos profissionais do cuidado em saúde mental foram criados centros de aconselhamento religioso em grandes entidades que empregam um grande número de conselheiros religiosos que atendem clientes religiosos. E, naturalmente, desse interesse crescente resultou a publicação de uma expressiva quantidade de trabalhos teóricos, polêmicos e conceituais.

Worthington Jr. e cols. (1996) destacam o aumento considerável que houve no número de pesquisas empíricas que investigaram o papel da religião no aconselhamento e psicoterapia religiosos. Nos 148 artigos empíricos que examinaram mostrou-se uma sofisticação metodológica similar aos padrões científicos atuais, e como idéia básica condutora das investigações a afirmação de que pessoas religiosas não podem ser consideradas como mentalmente enfermas. Por outro lado, sua revisão mostrou que, conselheiros religiosos e não religiosos partilham da maioria dos valores relevantes para o aconselhamento mas diferem no valor que colocam na religião e que tais diferenças religiosas afetam o julgamento clínico e o comportamento, especialmente com clientes religiosos. Eles descrevem também os dois tipos de "intervenções religiosas" praticadas nessas pesquisas: intervenções nas quais técnicas importadas de tradições religiosas formais (p. ex., prece, meditação, perdoar) são usadas como complemento ao aconselhamento; e, intervenções nas quais as técnicas das teorias tradicionais de aconselhamento são adaptadas a clientes religiosos.

O crescimento do interesse pela Psicologia da Religião no Brasil, nos últimos vinte anos, é similar ao ocorrido nos Estados Unidos e merece um estudo específico que não caberia neste espaço, mas é oportuno salientar a importante contribuição de Paiva, G. e deste autor no desenvolvimento da área. Assim, neste editorial gostaria de trazer algumas questões para debate sobre o papel da religião no aconselhamento e na psicoterapia e sobre seu papel na formação do psicólogo, posto que, nos cursos de Psicologia ainda causa polêmica realizar estudos sobre o tema. Há desinformação e, em consequência, incompreensão e preconceito quanto à importância e ao valor de tal conhecimento para a formação de psicoterapeutas.

Quanto ao ensino da disciplina, em minha experiência com muitas turmas nos últimos cinco anos, encontrei um enorme interesse e empenho dos alunos na busca de compreender os aspectos psicológicos dos fenômenos religiosos. De nossas avaliações sobre a importância da disciplina resultaram dois pontos principais: para os alunos os valores maiores do estudo de Psicologia da Religião são: a discussão sobre ética e questões do cotidiano que ela implica, e a possibilidade que oferece de se ter uma visão global, unitária e integrada dos fenômenos psicológicos que entendem serem tratados de forma fragmentária e essencialmente técnica na grande maioria das disciplinas acadêmicas.

Estudar sistematicamente questões que tocam as relações entre Psicologia e Religião tem sido para mim uma experiência de enriquecimento cultural e pessoal. Os estudos vão revelando a existência de uma linguagem religiosa não consciente a operar no fundo da linguagem científica e a servir-lhe mesmo de base lingüística. Por exemplo, a linguagem que fala de um espaço constituído pelas dimensões "interior-exterior" e "inferior-superior" tem sua ori-

gem nas metáforas espaciais da linguagem da mística cristã; o *self* é antes de tudo uma categoria religiosa-espiritual, como *persona*, pessoa, e personalidade também são originalmente categorias religiosas. Esses dois exemplos mostram bem a quantidade de questões epistemológicas que estão implicadas quando se toma consciência dessa linguagem religiosa embutida na linguagem científica.

Dessa forma, parece ser importante para a formação do psicoterapeuta uma boa compreensão do fenômeno religioso moderno e da contribuição deste para os processos de produção de subjetividades. Tal compreensão implica o estudo da fusão havida entre mística e política (Vaz, 2000); o conhecimento sobre as novas religiões e quais delas que competem no mercado terapêutico e experiencial com as psicoterapias, uma vez que elas apresentam muitos pontos em comum (Kilbourne & Richardson, 1984); a análise da relação da sociedade e das religiões com os meios de comunicação de massa; e, uma disposição para compreender as formas de vida produzidas por uma sociedade multiculturalista e democrática.

E, por fim, penso que seria importante na formação do psicoterapeuta um exercício de reversão de perspectiva, ou seja, olhar os fenômenos psíquicos de um ponto de vista religioso, contrário ao hábito de olhar os fenômenos religiosos reduzindo-os a manifestações psíquicas. Por exemplo, ter a visão do conhecimento de si mesmo como um problema religioso.

Referências bibliográficas

- Kilbourne, B. & Richardson, J. T. (1984). Psychotherapy and new religions in a pluralistic society. *American Psychologist*, 39(3), 237-251.
- Vaz, H. C. L. (2000). *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola.
- Worthington Jr., E. L., Kurusu, T. A., McCullough, M. E. & Sandage, S. J. (1996). Empirical research on religion and psychotherapeutic processes and outcomes: A 10-Year review and research prospectus. *Psychological Bulletin*, 119(3), 448-487.

